

O PENSAMENTO NA CONFORMAÇÃO DOS ATOS DA VIDA ORDINÁRIA

Rodrigo Vidal do Nascimento
Programa Integrado de Doutorado em Filosofia (UFRN-UFPB-UFPE)

RESUMO: O presente artigo tem como intuito discutir o âmbito da obra de arte como forma peculiar de percepção da realidade. Dimensionando as questões presentes na obra *O Estrangeiro* de Albert Camus percebe-se a pertinência de um ideal de vida autárquica que favorece a discussão acerca da liberdade enquanto movimento essencial para a vida. No roteiro de uma abordagem filosófica a sutileza do fazer artístico conforma pensamentos e atos numa disposição singular que imprime autenticidade à existência humana. O caminho da articulação entre a percepção da realidade e a postura diante dos fatos ordinários é tema constante no pensamento de Epicuro de Samos. A aproximação com a presente temática pode incidir numa discussão que anseia por saber acerca da interferência do pensamento na conformação do modo de ser e de viver.

Palavras-chave: Filosofia antiga; Ética; Pensamento contemporâneo.

No percurso da filosofia quase sempre é possível a articulação entre os temas contidos em obras literárias e as questões mais latentes do pensamento. O olhar da filosofia acerca destes temas prioriza a análise dos fatos humanos, não como meros objetos fixados numa cadeia de argumentos, mas principalmente como perspectivas plausíveis que abordam a diversidade da condição humana. Neste sentido, dois caminhos são possíveis de se percorrer, o primeiro é a análise descritiva dos desdobramentos da narrativa em questão, caminho que pouco ou nada acrescenta ao rigor crítico da filosofia.

O outro caminho passa necessariamente pela análise crítica dos fatos narrados, com a preocupação de evidenciar nas posturas e nos pensamentos abordados as formas diversas de percepção da realidade. Configura-se este último como possibilidade mais viável do que o primeiro, na medida em que cabe a filosofia o papel de verter o conteúdo de uma obra literária em discussão filosófica.

Por essa razão a presente abordagem se pautará nos aspectos elencados a partir da visão singularmente construída pelo personagem central da obra *O estrangeiro* de Albert Camus. Não interessa como já fora explicitado, apenas os desdobramentos

que passa a figura de Mersault, mas sim o que pode ser discutido acerca do comportamento e dos pensamentos que o conduzem a uma percepção divergente da realidade.

Em momentos específicos da trama evidencia-se a projeção de uma imagem da realidade que incide na discussão acerca dos critérios necessários para viver. Sem desprender o personagem do contexto da narrativa encontram-se condições favoráveis para a discussão da natureza autárquica do sujeito crítico que faz do próprio pensamento o elemento norteador da sua conduta. Mersault impõe desde o início da trama uma forma de pensar desvinculada do senso comum, e postula as condições do modo de viver a partir das afecções que lhes apresentam os fatos mais ordinários.

A forma com a qual o personagem lida com a notícia do falecimento da própria mãe revela que pouco pode ser especulado sobre a morte. As opiniões não se referem ao sentimento de perda ou de tristeza, mas a preocupações práticas que tornam o fato menos sofrível e interpretado como evento ordinário. Não há espaço para a projeção de expectativas que expliquem ou justifiquem a passagem da vida para a morte, como sugere a seguinte passagem:

“Fechei as janelas e, ao voltar, vi no espelho um canto da mesa com a lamparina de álcool entre pedaços de pão. Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora já estava enterrada, que ia retornar ao trabalho, e que, afinal, nada mudara.”¹

Há nesta postura traços de indiferença que serão agravados na parte final da trama. O pensamento procura incessantemente afastar-se do sofrimento e da noção de perda, pois este lhe parece o melhor caminho para a serenidade. É interessante ressaltar que Mersault busca sempre as cenas agradáveis, aquelas imagens que são suscitadas a partir das impressões sensíveis. Rebuscar as percepções das cores e dos cheiros preenche a narrativa de vivacidade, acentuando a influência dos movimentos da natureza.

¹ Albert Camus, *O estrangeiro*, pág. 27. 2001.

Camus apresenta um personagem de opiniões sustentadas pelas afecções, seu comprometimento com a realidade se dá de acordo com a necessidade de que dela se retire um modo de realização pleno. O fazer encontra-se retido na esfera de intencionalidades rigorosamente práticas, mas nem por isso podem ser tomadas como reprováveis do ponto de vista ético. Apesar de não esboçar interesse em transformar a sua condição seja para qual sentido for, Mersault não esconde o desejo de buscar as afecções que causam prazer. Seu destino pode ser considerado fatídico, mas os seus pensamentos não se envolvem com temas penosos, conforme indica a seguinte passagem:

“Voltei a tomar café com leite, que estava muito bom. Quando saí, o sol tinha nascido completamente. Por cima das colinas de manchas vermelhas. E o vento, que passava por cima delas, trazia um cheiro de sal. Era um belo dia que se anunciava. Há muito tempo não ia ao campo e sentia o prazer que teria em passear, se não fosse por mamãe.”²

Os fatos somam-se à perspectiva intimista do personagem que dimensiona a sua atuação seguindo um impulso contemplativo em relação à realidade que o cerca, vez por outra consegue encontrar alguma justificativa para os fatos que lhes são apresentados, mas o seu foco restringe-se à percepção sensível que o leva a julgamentos prematuros e pouco confiáveis. Apesar das opiniões serem fundadas no que é apreendido da realidade, não lhe coube a tarefa de expressar aos outros as próprias impressões. Mesmo que receba as opiniões dos outros, Mersault não objeta os seus pensamentos, não lhe causa nenhum embaraço confiar no que projetou através do próprio pensamento, e nem mesmo a omissão quanto ao que realmente pensa lhe retira a confiança na sua perspectiva.

Trata-se, portanto, de um sujeito centrado nas próprias opiniões, por mais desfavorável que seja a situação o sentido de autonomia permanece na medida em que dele depende a forma de pensar a realidade e o devido modo de agir em relação aos outros. A autarquia é tomada como um princípio norteador da conduta do personagem de Camus, pois a caracterização exagerada de um ímpeto analítico faz transparecer a

² Camus, op. cit.,pág. 16.

noção de que a liberdade encontra-se no próprio sujeito, e que é intrínseco a sua vontade permanecer na unidade dos seus pensamentos, podendo corriqueiramente errar ou acertar sempre conforme a sua própria escolha.

A relação com o outro se entende por meio de um vínculo tênue, aonde importa uma afinidade aparente e sem interesse. A noção de amizade postulada no compromisso mútuo fica suspensa quando Mersault não impõe nenhuma condição para se identificar seja como amigo ou mesmo como amante. A franqueza demonstrada pelo personagem poder ser compreendida como certo grau de passividade, entretanto, são suas convicções que permitem a liberdade de percepção do outro, ou seja, que este possa projetar qualquer conjectura, uma vez que não há abalo na postura do personagem central.

Duas questões são pertinentes com esta evidência. Em primeiro lugar não parecer ser a condição humana do sujeito que determina as suas relações com outros, pois a indiferença que é característica ao personagem não lhe move a ser diferente por nenhum motivo que lhe seja alheio. Diante da dificuldade de querer verter a realidade as suas vontades e interesses é preferível não projetar expectativas acerca das situações da vida.

Em segundo lugar, qual é a verdadeira função do outro no processo de construção do sujeito, uma vez que nada que venha de fora seja capaz de modificar pensamentos e atos. É preciso dimensionar estas duas questões com relação às discussões contidas na presente narrativa, principalmente quando se entende que a filosofia do século XX é marcada por posições e intenções práticas quanto às relações entre os sujeitos.

A respeito da própria realidade Camus deixa a impressão de que se deva ignorar os presságios ou crenças sob as quais são erguidas as opiniões do senso comum. Mersault conserva-se na indiferença quanto aos valores e aponta o hábito como forma de suprir as limitações e as diferenças encontradas no curso da vida. Apesar disso não impõe nenhuma crítica que subverta os valores presentes em outros valores. Aparentemente não acredita que os valores prevaleçam acima do hábito, ou seja, que o modo de ser se submeta sempre aos valores tidos como positivos na sociedade.

Encontra-se ao longo da trama uma discussão constante acerca da finalidade da religião e da crença em Deus. A postura do personagem central rejeita a necessidade de se crer em uma realidade transcendente, chega até mesmo a declarar que não crer em Deus, uma vez que crer ou não na existência de Deus não lhe acrescentaria nada a vida. Há um modo pejorativo de representar os que insistem em fazê-lo aceitar a crença em algo, bem como fazê-lo se arrepender dos atos cometidos, como se o fato de se arrepender amenizasse a injustiça cometida. A passagem a seguir corresponde a noção de indiferença diante de Deus:

“Mas ele me interrompeu e exortou-me uma última vez, do alto de sua posição, perguntando-me se acreditava em Deus. Respondi que não. Sentou-se, indignado. Disse-me que era impossível que todos os homens acreditavam em Deus, mesmo que lhe viravam o rosto. Essa era a sua convicção, e se algum dia viesse a duvidar dela, a sua vida deixaria de ter sentido.”³

Até este ponto fica perceptível a recorrência de atitudes movidas em conformidade com o modo de pensar. Toda orientação para o modo de viver decorre de análises breves, porém suficientemente firmes para justificar as suas escolhas. Mersault não é um modelo de virtude, nem sequer deseja sê-lo, pois não espera por nenhum momento de purificação. Não se arrependera dos seus atos porque fora guiado por impulsos sensíveis, e isto não quer dizer que perdera o seu lado humano ou que deixara de ser um racional.

As atitudes do personagem de Camus confluem significativamente para um esboço ético que prenuncia a virada do sujeito em relação à sociedade e seus valores rebuscados por crenças e atitudes viciosos. Na pluralidade dos efeitos nocivos à vida em sociedade encontrar um ponto de fuga não implica afastar-se do erro, mas pode resultar num estado de existência autêntico em meio à aparência do convívio através da norma.

A discussão contida em *O Estrangeiro* sugere que a compreensão acerca da condição humana destoa de qualquer modelo de virtude. A renúncia por modelos a

³ Camus, op. cit.,pág. 73.

seguir faz evocar do próprio sujeito a identificação com um projeto de vida singular. Sem o receio da advertência contida no discurso de censura do outro o caminho para a liberdade está efetivamente aberto.

O encontro com a norma prescrita pelo Estado faz com que se perca a identificação com qualquer atitude autônoma. Desse choque surge a noção de que o comportamento deve ser adequado, não ao que realmente se pensa ou deseja, mas ao que está determinado através do uso coletivo, ou seja, da comunhão involuntária de valores morais, como indica a seguinte passagem:

“Não posso deixar de reconhecer, sem dúvida, que ele tinha razão. Não me arrependia muito do meu ato. Mas a sua obstinação espantava-me. Gostaria de tentar explicar-lhe cordialmente, quase com afeição, que nunca conseguira arrepender-me verdadeiramente de nada.”⁴

Por outro lado, Mersault não nega a validade dos caracteres morais impostos pela sociedade, pois há neles um sentido de utilidade contido nas fórmulas pré-acordadas no convívio social. A questão não se encerra apenas na discussão acerca dos padrões de comportamento, ela também vai além da busca descritiva por uma norma válida universalmente. A ausência de parâmetro para definir o comportamento permitiu que na filosofia contemporânea prevalecessem os critérios morais de uma ética utilitarista, modelo ético este capaz de imprimir dinamismo nas relações coletivas, mas passível de resultar na perda completa da liberdade individual.

No percurso da narrativa de *O Estrangeiro* Camus aproxima-se das temáticas presentes no pensamento do período helenístico. Em primeiro lugar as imagens que aparecem na percepção de Mersault são compostas por sensações advindas de uma relação direta com a realidade. As situações narradas apropriam-se de uma perspectiva fundada no *pathós* que acaba por determinar a representação da realidade a partir da visão singular de um único indivíduo.

Em segundo lugar, no âmbito das afecções a busca pelo prazer, como fora dito no início, aparece como uma constante preocupação do personagem. Quando se

⁴ Camus, op. cit.,pág. 104.

encontra encarcerado essa preocupação não se reduz por completo, e ao invés de se sentir castigado por não poder usufruir dos prazeres obtidos na liberdade, fato comum para os que cometem crimes, a sua postura autárquica encontra na memória dos momentos em que as sensações mais diversas povoavam os seus dias, para assim prover o ponto de satisfação e de prazer necessário para suportar a rotina entediante da cadeia.

Assim, tanto na construção da realidade quanto no interesse pela boa realização das afecções encontra-se convergência do comportamento e dos pensamentos de Mersault com o pensamento epicúreo. Os próprios critérios para escolha e rejeição no curso da narrativa são indicados pela noção de prazer, semelhante ao que a ética epicúrea indica à vida do sábio. Mas a forma de avaliação das situações ordinárias demanda a influência de outra corrente do pensamento do período helenístico, a saber, o pirronismo.

O traço de pirronismo não fica evidente apenas quando ele desconhece a existência de Deus, mas principalmente quando desloca as opiniões para um campo que apenas lhe interessa, omitindo-as para os outros simplesmente porque não tem o desejo de convencer seja quem for daquilo que pensa. A suspensão de juízo (*epochè*), mesmo que parcial, reduz o comprometimento com a verdade, ou mesmo a toma como uma ilusão. O rigor crítico e a franqueza nas palavras do personagem de Camus revelam que a expressão do ceticismo está presente no tom do discurso desinteressado e seco que metrificava a argumentação de seus interlocutores. Não o convence absolutamente de coisa alguma, pois previamente não se encontra disposto a aceitar verdades e opiniões divergentes aos seus pensamentos.

A disposição do tema acerca da morte também faz parte da trama de *O Estrangeiro* como uma discussão à parte. As noções de vida e de morte estão vinculadas no discurso do personagem central, que embora esteja mediando uma compreensão de vida como sensibilidade, apresenta com igual vigor a idéia de ausência de sentido para a realidade, o que o leva a interpretar os fatos ordinários a partir de uma indiferença crônica. Por essa razão quando levado a meditar acerca da própria condição de prisioneiro sentenciado à morte, não vacila quanto expressar afirmações que retiram qualquer intencionalidade da vida.

A vida como aquilo que liga os homens a realidade e que os torna senhores de suas atitudes e pensamentos é aqui entendida por Mersault como um bem menor. Mas o contexto contemporâneo ao autor do romance pode ter influenciado na temática da obra em análise. Não seria inconsistente afirmar que os fatos ocorridos nas três primeiras décadas do século XX tenham agravado o interesse de se tratar da condição humana em meio a tantos acontecimentos fatídicos.

Ao tomar a realidade como um teatro de absurdos Camus faz pensar que não se deve mais devotar nenhuma esperança nos rumos tomados pela humanidade, seu pensamento precede e influencia o pensamento existencialista que marca a primeira metade do século passado.

Nenhuma decisão é mais capital do que a aceitação passiva da morte. Resoluto em seus pensamentos a caricatura de sujeito autárquico construída em *O Estrangeiro* imprime um significado sublime para a própria vida. Não são as escolhas do passado nem as do futuro que irão determinar a felicidade, mas a vivência do presente que reconfigura e dá outra disposição para as perspectivas da realidade, e assim, o modo de viver converte-se numa redescoberta do mesmo. Não há a necessidade de imagens de um outro lugar, de uma outra vida, pois os efeitos do pensamento sob o sujeito serão sempre os mesmos se este se encontra indiferente em relação à realidade.

A projeção do pensamento permite a conquista da autarquia na medida em que através da reflexão crítica rejeita-se a opinião infundada em favor de uma perspectiva mais plausível. E ainda que Camus apresente o absurdo como fato recorrente no perímetro das situações ordinárias, a vivência que afasta o temor em relação aos assuntos que perturbam a realização plena da vida em *O Estrangeiro* pode representar a medida de liberdade que cabe a cada indivíduo que escolhe por afinidade o exercício da filosofia como caminho para uma existência mais autêntica.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. O estrangeiro. Trad. Valerie Rumjank. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAËRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

SMITH, Plínio Junqueira. Ceticismo filosófico. São Paulo: EPU, Curitiba: Editora da UFPR, 2000.